



Da utopia ao desencanto

From utopia to disenchantment



Laécio Ricardo de Aquino Rodrigues¹

¹Professor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da mesma instituição. Doutor em Multimeios pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: laeccioricardo@gmail.com

Resumo: após recapitular a ambiência social e política da geração de 1968, enfatizando suas demandas e posterior legado, apresento no artigo uma análise de *Morrer aos 30 anos* (1982), filme de Romain Goupil e uma espécie de reflexão sobre as alegrias e decepções com os anos de militância esquerdista à época.

Palavras-chave: memória de 1968; maio de 1968 francês; documentários sobre 1968.

Abstract: after reviewing the social and political ambience of the 1968 generation, emphasizing their demands and subsequent legacy, I present an analysis of *Half a Life* (1982), a movie by Romain Goupil, which is a form of reflection on the joys and disappointments with his years of leftist militancy at the time.

Keywords: memory of 1968; May 1968 in France; documentaries about 1968.

Uma tradição funesta na cultura musical, sobretudo no âmbito do rock, nos sugere que a casa dos 27 anos pode ser fatal para certas sensibilidades artísticas. É extensa, como sabemos, a lista de notáveis músicos que nos deixaram precocemente nessa faixa etária e não cabe aqui recapitulá-la. Mas o que *Morrer aos 30 anos* (1982), estreia em longa-metragem de Romain Goupil, nos indica é que a proximidade da terceira década também pode ser trágica para os jovens que militaram nos movimentos esquerdistas franceses na segunda metade dos anos de 1960. A alguns deles, mencionados pelo diretor na introdução do filme, num *off* que concilia memória, certo pesar e evidente afeto, a obra é dedicada. Mais enfaticamente a Michel Recanati, seu melhor amigo e promissor líder político da Juventude Comunista Revolucionária (JCR)², que cometera suicídio em 23 de março de 1978.

Mas não se trata de uma cinebiografia convencional, do tipo que almeja abarcar percursos e experiências na íntegra, concatenando eventos e datas bem demarcados. É fato que certa cronologia tende a organizar a narrativa de *Morrer aos 30 anos*, mas a presença desse artifício não supõe uma rígida reconstrução, tampouco suprime a ambiguidade dos eventos abordados. Assim, reitero que o filme é antes um exercício rememorativo que visa problematizar o legado e os engajamentos dessa geração, reavaliando suas escolhas, mas sem impor interpretações definitivas.

Militante de longa data e cúmplice político de Recanati, Goupil participa de modo enfático da construção enunciativa da obra, conferindo a ela uma dimensão autobiográfica. Contudo, sua presença cênica e verbal está longe de se restringir a um viés abertamente confessional, a um exercício de autocentramento tão comum nos títulos em que a primeira pessoa possui relevo narrativo. Portanto, na rica tapeçaria de *Morrer aos 30 anos*, são comuns os deslizamentos entre memória individual e memória social, entre trajetória pessoal e experiência coletiva, entre privado e público. Todavia, antes de investir numa leitura mais densa do filme, creio ser necessário retornar ao contexto sociopolítico de 1968 e a algumas de suas pautas, posto que seus eventos e protagonistas permeiam a obra de Goupil, ainda que de modo nem sempre explícito. Uma digressão extensa, mas imprescindível. Recuemos, pois, até esse ano em que as ideias, seguindo a sugestão de Guy Debord, voltaram a ser “perigosas” (a inflamar corações e mentes, a reivindicar transformações estruturais) e a atitude iconoclasta parecia exercer forte sedução.

² Organização trotskista de forte atuação nos liceus franceses, a JCR teve participação ativa nos eventos de Maio de 1968. Em decorrência, foi oficialmente dissolvida em 12 de julho de 1968, por decreto presidencial.

Batalha hermenêutica

Começamos por admitir nossa impossibilidade de apreender os eventos de 1968 em sua magnitude. Podemos, no máximo, evocar sua atmosfera, algumas de suas demandas e seus desdobramentos, reconhecendo igualmente a parcialidade desse exercício. Se uma espécie de batalha hermenêutica circunscreve todo grande acontecimento histórico, com 1968 a situação não é diferente, sobretudo diante de efemérides (nesse caso, a celebração dos seus 50 anos).

Ao contrário, *o ano que não acabou* constitui exemplo privilegiado. Como sugerem Irene Cardoso (1998) e Maria Paula Araujo (2010), cada geração tem interrogado e reelaborado 1968 ao sabor de suas urgências, ora incensando, ora recusando seu legado. Desse modo, não obstante a intenção, os esforços assim conduzidos tendem a esvaziar o acontecimento de sua complexidade e a privilegiar apenas os aspectos assimiláveis pelo presente que rememora. Tal ressalva não visa invalidar a revisão histórica, mas situar sua parcialidade constitutiva e nem sempre assumida. Afinal, como indica Cardoso (1998), o recorrente nessa prática é o silenciamento das ambiguidades e o mascaramento do *presente* a partir do qual o evento é reinterpretado – a não explicitação da intencionalidade que preside essa reelaboração³.

Nesse sentido, em se tratando de 1968, a primeira exigência é que reconheçamos sua diversidade – não houve um 1968, mas vários e em diferentes lugares. Como observa Araujo (2010), muitos evocam esse ano como se tal rótulo englobasse um movimento homogêneo, dotado de certa racionalidade e de uma pauta uniforme. Mas se trata de um entendimento equivocado. Para a pesquisadora, a insistência na construção de uma memória unívoca enfraquece a riqueza da experiência social e política do período, desconsiderando seus impasses e ruídos. Assim, é preciso não negligenciar a dimensão de disputa e de dissenso, aspectos que melhor representam o espírito de 1968 em sua pluralidade de sentidos.

³Investigando os interesses rememorativos em torno de 1968, mas com conclusões extensivas para outros eventos históricos de relevo, Irene Cardoso (1998) identifica as seguintes tendências interpretativas: a) os esforços para negar o passado e reabilitar a norma ante o evidente desejo de mudanças; b) as tentativas de simplificação do ocorrido via apropriações ideológicas; e c) certa fixação e idealização do passado (a incapacidade para aceitar sua superação ou perceber seus equívocos). Ambas teriam como efeito a produção de uma espécie de “recalque de 1968” – um *embotamento* do fato histórico. De qualquer modo, seja qual for a chave interpretativa de 1968, o importante para a autora é entendermos que o que se rememora nessas efemérides são leituras parciais, uma vez que seus sentidos complexos são impossíveis de serem assimilados por um presente que desconhece suas demandas.

Reconhecida a sua diversidade, tentemos identificar o principal elemento comum aos diversos movimentos que eclodiram naquele ano, sem investir em uniformidades. Trata-se do protagonismo dos estudantes na condução dos eventos centrais, seja na França, na Alemanha, nos Estados Unidos, no México, na República Tcheca ou no Brasil, países que experimentaram agitações políticas e convulsões sociais nesse período. Majoritariamente universitária e de inclinação esquerdista, essa juventude, sobretudo no continente europeu, se opunha aos partidos socialistas vigentes e à influência stalinista. Empenhados na construção de uma nova esquerda (*new left*), esses jovens acusavam os antigos militantes de conservadorismo e passividade, contrapondo-se assim às estruturas hierárquicas dos partidos e centrais sindicais. Contra tal imobilismo, valorizavam a ação direta, o radicalismo e certa postura iconoclasta diante de qualquer autoridade instituída⁴. Para o historiador Sean Purdy (2008), no lugar da preocupação restrita com a luta de classes e o enfoque exclusivamente materialista, perfil da antiga esquerda, essa juventude se conectava melhor com o movimento pelos direitos civis, com as lutas pacifistas e os processos de descolonização – pautas urgentes na década de 1960.

Especificamente no caso francês, a frustração com os partidos políticos de esquerda (PCF e PS, sobretudo)⁵ gera forte desilusão entre os estudantes e certa intelectualidade. Como indica Álvaro Bianchi (2008), esse esgotamento teve como origem a posição ambígua do PCF frente o processo de emancipação das colônias e atingiu seu ápice com o parco apoio da legenda à mobilização dos estudantes em 1968, mesmo após a adesão da classe operária, o que resultou na maior greve já deflagrada na Europa (cerca de 10 milhões de trabalhadores franceses paralisaram suas atividades). Para Bianchi (2008), o PCF desejava impor limites ao movimento, chegando por vezes a condenar “o radicalismo” das ações estudantis. Tal posição expunha a distância entre a velha e a emergente esquerda: a primeira atestava sua incapacidade para acolher as mudanças demandadas pela juventude. Em contrapartida, as assembleias e barricadas organizadas pelos estudantes retiraram a política das sombras e dos acordos sigilosos, promovendo uma descentralização das pautas – espécie de transparência que desafiava a esquerda tradicionalmente

⁴ Em *Sobre a violência*, Hannah Arendt (2001) faz um diagnóstico semelhante dos movimentos que eclodiram na metade dos anos de 1960, apontando como traço comum certo desprezo pelas formas tradicionais de se fazer política. Para Arendt, a chave para a compreensão da “primavera estudantil” seria certa descrença diante da ação política tradicional, considerada burocrática e viciada; em oposição a esse quadro de imobilismo, os estudantes levantavam a bandeira da ação direta (sem intermediários).

⁵ Respectivamente Partido Comunista Francês, agremiação de esquerda mais tradicional, fundada em 1920; e Partido Socialista, legenda que floresce no pós-1968 e que promove a eleição de Mitterrand para a Presidência em 1981, feito inédito para a esquerda do país.

organizada entre as decisões da cúpula do partido e o apoio da Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT). Para o “partidão”, ressalta Bianchi (2008), o mais importante em 1968 era assegurar o apoio das centrais sindicais e preservar a unidade com vistas a uma vitória nas eleições legislativas de junho. A almejada vitória eleitoral, como sabemos, não ocorreu. Tal sentimento de crítica e ruptura com o PCF aflora fortemente na cinematografia que aborda o Maio de 1968 parisiense, não sendo diferente no filme de Goupil, como destacaremos na segunda etapa deste artigo.

Mas a centralidade dos estudantes na agenda de 1968, insistimos, não mascara a diversidade dos eventos ocorridos nesse ano e suas diferentes pautas. Uma distinção interessante é apontada por Octavio Paz (1970, apud ARAUJO, 2010). Para o ensaísta mexicano, os movimentos que despontaram na América Latina apresentam maior afinidade com as agitações que eclodiram no Leste Europeu (a *Primavera de Praga*, por exemplo) e que tiveram como principais bandeiras o nacionalismo, a democracia e a liberdade de expressão (em oposição às ditaduras militares emergentes, de um lado; contra a influência do regime soviético, do outro). Tal pauta se diferencia daquela que norteava os debates na Europa ocidental e nos Estados Unidos, sociedades de abundância material; nesses centros, o que se colocava em xeque eram alguns dos seus princípios constitutivos (a ênfase no progresso e no consumismo desenfreado), ao mesmo tempo em que se acolhia demandas vinculadas à emergência do feminismo e do movimento pelos direitos civis, dentre outros.

A imaginação no poder?

Detenhamo-nos, agora, no Maio de 1968 parisiense, nos acontecimentos que se tornaram emblemáticos das agitações em curso nesse período, abordados em *Morrer aos 30 anos*, embora o filme não se restrinja somente a esses eventos. Como sugere Olgária Matos (1998), ao criticar a sociedade do espetáculo, o trabalho alienado, a política tradicional, as hierarquias vigentes e os poderes instituídos, o ano de 1968 se recusou cabalmente a pertencer ao século XX, como que anunciando a possibilidade de um devir menos opressor e mais igualitário. E só poderia ter como cidade-símbolo, aponta ela, *a capital do século XIX*, a Paris que abrigara as grandes revoluções do passado, a metrópole que encantara Walter Benjamin e grandes nomes das artes.

Não temos, contudo, a pretensão de aqui mapear todas as variáveis que impulsionaram o insurgente maio francês. Talvez reunir indícios. Eric Hobsbawm (1995) relata que o contínuo aumento da massa estudantil, nos liceus e universidades franceses, entre os anos de 1950 e 1960, período de grande prosperidade material, teria gerado um contingente qualificado cujos anseios não se encaixavam na pauta de uma sociedade

ainda conservadora. Em outros termos, eles podiam pedir mais. Quem sabe, *demandar o impossível*, para fazermos analogia com um dos mais famosos slogans de 1968.

Essa hipótese é reiterada por Tony Judt (2007), para quem o progresso do pós-guerra, o *boom* demográfico e a ampliação da presença estudantil na rede de ensino teriam fomentado uma geração cujos desejos divergiam da geração dos seus pais. O aumento do quadro de bacharéis com novas visões de mundo foi acompanhado também por uma renovação intelectual da esquerda, alavancada pela revalorização dos escritos de Rosa Luxemburgo, Lukács e Gramsci; pelas ideias de Marcuse e Althusser; e pela descoberta do jovem Marx – para Judt (2007), os escritos da juventude distanciavam o intelectual alemão do historiador determinista cujos textos autorizavam o centralismo partidário (versão soviética).

Podemos, então, concluir que a França que desponta nos anos de 1960, sob o governo de Charles de Gaulle, é uma nação que enfrenta contradições: uma sociedade que experimenta abundância material, mas ainda presa a hierarquias e imobilismos, onde as crianças eram disciplinadas com rigidez, as mulheres pouco presentes na vida pública e a influência católica se fazia constante. Maio de 1968, portanto, deve ser entendido como o estopim de processos e reivindicações já em curso nos anos anteriores. De tendência iconoclasta e inicialmente radicada em núcleos universitários (Nanterre e Sorbonne, primeiramente), os eventos de 1968 ansiavam por derrubar o regime, mudar o sistema e promover uma revolução resistente a qualquer tipo de autoridade, como sugere um de seus principais slogans – *é proibido proibir*. Mas que não conseguiu nem uma coisa, nem outra; e foi sufocada em poucos meses pela aliança entre um governo caduco, um partido comunista amedrontado e algumas centrais sindicais interessadas em acordos trabalhistas contingenciais⁶.

Mas se Maio de 1968 não conseguiu impor sua pauta, terá sido um fracasso? Por que tantos se incomodam com sua eclosão e, sobretudo, com seu legado? As disputas pelo *espólio de 1968* são constantes e não são poucos os que tentam

⁶Sobre o ocaso dos eventos de 1968, é interessante observarmos as considerações de Irene Cardoso (1998). Para ela, se 1968 irrompe de modo fulgurante em vários países, não obstante suas singularidades históricas, teve também o traço de uma dissolução mais ou menos rápida, identificada como uma normalização da sociedade e uma recusa de sua agenda. Em outras palavras, uma espécie de revanche conservadora assola 1968 e os anos seguintes. Eis alguns exemplos por ela mapeados. Na França, temos a vitória do gaullismo nas eleições legislativas, a recomposição dos partidos políticos e da ordem, conjunto simbolicamente representado pela aplicação da manta asfáltica no Quartier Latin, gesto que visava impedir futuras barricadas. Nos Estados Unidos, a eleição de Nixon, precedida pelos assassinatos de Martin Luther King e Robert Kennedy. Na Tchecoslováquia, a *Primavera de Praga* chega a seu desfecho com a ocupação do país pelas tropas do Pacto de Varsóvia. No Brasil, a normalização, via violenta repressão, tomou a forma do AI-5, seguido posteriormente da adoção de uma anistia que vetava qualquer investigação do passado recente (fato que contribuirá para o esquecimento dos crimes do regime militar).

sepultar sua herança. Régis Debray foi um dos primeiros a recusá-la, ao sugerir que sua emergência foi condição para o florescimento de uma nova sociedade burguesa, em vez de enterrá-la (SILVA, 1998). Representara, pois, uma falsa ruptura. Leitura próxima, embora menos crítica e melhor contextualizada, seria encaminhada por Boltanski e Chiapello (2009), em volume no qual analisam as reconfigurações do capitalismo na contemporaneidade. Para os autores, a pauta do Maio de 1968 teria sido não apenas apropriada pelo sistema, mas sua ênfase iconoclasta e a rejeição dos signos da autoridade teriam fomentado o enfraquecimento do aparato estatal e, por conseguinte, estimulado a ascensão da economia neoliberal⁷. O filósofo John Searle também avalia com reservas a herança do maio parisiense (PIACENTINI, 2008). Searle critica a utopia dos estudantes ao acreditar que poderiam estabelecer uma sólida união com os trabalhadores – ilusão que, para ele, apenas mascarava as diferenças constitutivas entre as duas categorias. É cético sobre a pauta de 1968: em sua avaliação⁸, ela teria criado expectativas na sociedade que jamais poderão ser realizadas.

Ponderações negativas à parte, não podemos nos esquecer da magnitude de 1968 e de suas demandas, não obstante seu caráter efêmero. Não importa se a aliança entre os estudantes, os operários e intelectuais, malgrado suas intenções, era frágil e nem sempre compatível. Tampouco se o maio insurgente não colheu os frutos esperados. Talvez suas sementes estivessem fadadas a germinar em tempos futuros e sob a condução de novos protagonistas – Maio de 1968 permaneceria assim como um chamado às gerações do presente, como uma lembrança de que o impossível pode ser demandado⁹.

⁷Reconheço minha limitação para, no contexto deste artigo, recapitular de modo satisfatório os argumentos de Boltanski e Chiapello (2009). Dentre eles, a hipótese de que o Maio de 1968 havia oferecido ao capitalismo alguns meios para seu revigoramento: em crise nos anos de 1970, o capitalismo teria conseguido superar parte de suas dificuldades graças às ideias emprestadas da chamada “crítica artística” elaborada pelos estudantes – ou seja, privilegiando a livre criatividade e a atividade em rede contra as estruturas de direção e controle tradicionais.

⁸Creio ser pertinente diferenciar tais críticas da reivindicação feita por Cohn-Bendit, um dos líderes universitários do maio parisiense, e pelo cineasta brasileiro João Salles, quando ambos sugerem que “devemos” esquecer o maio de 1968, sob o risco de que o apego histórico demais (atitude idealista e afetiva) nos impeça de olhar para o presente e de planejar o futuro. Para Salles, há forças nesse momento que exigem um outro tipo de enfrentamento; nesse sentido, ele considera tal apego conservador (MARREIRO, 2017). Cohn-Bendit, por sua vez, insiste que pautas inéditas despontaram, solicitando novos engajamentos, a exemplo da degradação climática e da perversidade da globalização (FRANCE PRESSE, 2008).

⁹Concordamos aqui com a apreciação de Deleuze e Guattari, ao sugerirem que o Maio de 1968 “não ocorreu”. Na avaliação da dupla, os eventos daquele ano representaram uma “abertura de possível”, “um fenômeno de vidência”, como se de repente uma sociedade visse o que ela tinha de intolerável e vislumbrasse novos futuros. Ocorre que, diante dessa convocação, a sociedade francesa mostrou uma radical impotência para acolher os desafios do presente. Assim, 1968 ficara numa promessa não efetivada. Mas os filhos de 1968, insistem os autores, estão por aí e cada país os produz à sua maneira; a tarefa das novas gerações, portanto, seria desenhar novos possíveis e fomentar as resistências que dariam continuidade a um Maio de 1968 generalizado (2015, p. 119-121).

Mas se desejarmos mensurar as conquistas de 1968 em seu tempo, há elementos positivos a ressaltar. Depois de maio, as modalidades de intervenção política se reinventaram radicalmente; e grupos sociais tradicionalmente alijados passaram a exigir representatividade. Assim, para alguns analistas, os esforços para apagar a memória de 1968 teriam inclinação ideológica; no limite, almejavam obscurecer suas conquistas e desmotivar novas insurreições.

Mas o que haveria de terrível nesses eventos para exigir sua liquidação, indaga Rancière? Para ele, a paisagem de 1968 sinalizara um *revival* do pensamento marxista e da esperança revolucionária, alimentados pelas lutas de emancipação do Terceiro Mundo. E sua eclosão incomodaria certas sensibilidades por ter revelado que a *ordem* de nossas sociedades (suas formas de dominação e estruturas hierárquicas) poderia desmoronar em poucas semanas. Diante desse incômodo, diz Rancière (2008), multiplicam-se as tentativas de apagar Maio de 1968: seja eliminando sua dimensão internacional e coletiva; seja convertendo-o apenas numa revolta da juventude – um desejo de abolir o jugo paterno e os tabus sexuais – e numa insurreição do individualismo contra qualquer autoridade. Evidentemente, trata-se de uma interpretação redutora e suspeita¹⁰.

Concluo este percurso¹¹ em diálogo com Franklin Leopoldo e Silva (2008). Para ele, uma vez que o poder se modifica para manter a sua autoridade e sendo a vida marcada por processos de conformação, deveríamos ser receptivos às insurreições com potencial transformador. Desse modo, para o filósofo brasileiro, as agitações de 1968 sinalizaram um dos últimos episódios “em que pudemos crer na possibilidade de desenhar o mapa do futuro”. Suas linhas não eram precisas e o pensamento tampouco claro, ele admite, “mas o coração era sensível à esperança”, o que alimentava a expectativa de que o mundo poderia se tornar outro e melhor.

¹⁰ É preciso lembrar também que os eventos de 1968 se anteciparam na denúncia da escola como um lugar de reprodução das desigualdades sociais. Kristin Ross (2008) destacará ainda a importância da conexão entre os estudantes e operários, implodindo compartimentações: o prazer que podia surgir da abolição das fronteiras numa sociedade segmentada como a França do período, em encontros motivados pelo desejo de se livrar do peso morto dos hábitos, que levavam as pessoas a se enraizar num papel social pré-estabelecido.

¹¹ Reconheço a extensão dessa revisão histórica e o quanto ela nos aparta do contato imediato com o filme de Goupil. Mas, desde a gênese deste texto, me pareceu imprescindível investir em tal jornada, tendo em vista os equívocos e excessos que circunscrevem os eventos de 1968. Para mim, esse mergulho nos permite compreender melhor o contexto de inserção da obra (cuja abordagem não se restringe ao Maio de 1968), bem como os próprios dramas vivenciados pelo diretor e seus colegas de liceu em seus engajamentos políticos. Por outro lado, uma vez que o próprio filme propõe um balanço de sua geração e dos anos de militância, entendo que, ao mensurar o legado de 1968 (ponderar seus prós e contras), dispomos de melhores referências para acolher (ou recusar) as leituras promovidas por Goupil. Um caminho possível, claro, poderia ter sido o inverso – partir do filme para chegar às agitações daquela década – ou entrelaçar a revisão histórica com a análise fílmica. Mas ainda prefiro o trajeto aqui delineado – ele me parece mais coeso.

É fato que inexistia um projeto político de reestruturação da sociedade. Somente a projeção de utopias. “Mas não há nada de estranho em assumir um compromisso pelo qual se engaja na incerteza, se a ação é inspirada pela liberdade e pela vontade de enfrentar todas as contingências” (SILVA, 2008, p. 61-65). Afinal, a força de um propósito e a liberdade que o anima, alega Silva, não se medem pela sua efetivação, mas pela intensidade do impulso que os originou. Por fim, ele conclui: se os episódios de barbárie devem ser lembrados para que não sejam repetidos, “aqueles em que a história se encheu de otimismo devem ser lembrados para que, eventualmente, possamos não repeti-los, mas tentar fazer com que vença, em outro momento e de outra maneira, a esperança dos vencidos” (2008, p. 61-65).

Maio de 1968 e o cinema

Sendo Maio de 1968 um acontecimento de grande magnitude e múltiplos desdobramentos, é natural que a arte cinematográfica seja influenciada por suas agitações, e que muitos diretores, em algumas obras, tenham promovido reflexões sobre a efervescência do período – como foram tocados por tais eventos e como avaliam seu legado. A lista de títulos que se vincula, direta ou indiretamente, a esse episódio é extensa, bem como difere a forma de abordagem – menções explícitas, referências menos óbvias, filmes rodados no ápice das mobilizações, obras revisionistas e até mesmo produções prospectivas (realizadas antes do Maio de 1968, mas que já indicavam uma atmosfera de inquietação, de insatisfação)¹². Na impossibilidade de avaliar essa herança fílmica, opto por iniciar minha leitura do filme de Goupil contrastando-o com outro importante documentário sobre o período em questão, *Noites longas e manhãs breves* (1978), de William Klein¹³.

Amparado na estilística do cinema direto – câmera na mão, enquadramento instável, luz natural, oscilação de foco e som impuro –, o filme de Klein se concentra

¹² Eis uma breve lista, pessoal e incompleta: *Crônica de um verão* (1961), de Jean Rouch; *O encantador mês de maio* (1963), de Marker; *Se...* (1968), de Lindsay Anderson; *Partner* (1968), de Bertolucci; *Tudo vai bem* (1972), de Godard; *A mãe e a puta* (1973), de Eustache; *O fundo do ar é vermelho* (1977), de Marker; *Uma canta, a outra não* (1977), de Agnès Varda; e *Amantes regulares* (2005), de Philippe Garrel.

¹³ A predileção pelo método comparativo é uma opção que, a meu ver, enriquece o trabalho analítico, uma vez que permite identificar as proximidades e contrastes (ressonâncias e ruídos) entre os dois filmes, apontados por muitos como dois dos mais importantes documentários do período. No momento em que finalizo este artigo, tive acesso ao trabalho mais recente do brasileiro João Salles, *No intenso agora* (2017), obra ensaística na qual o diretor revisa, em tom crítico, parte das insurreições estudantis que afloraram nos anos de 1960, com ênfase no maio parisiense. De natureza intertextual, o filme de Salles cita com frequência (e de modo elogioso) os documentários aqui avaliados, razão pela qual imagino que, se houvesse maior espaço (em laudas) e tempo de desenvolvimento, teria sido interessante incluir *No intenso agora* neste exercício analítico.

exclusivamente nos acontecimentos ocorridos em Paris, entre maio e junho de 1968, nos proporcionando uma imersão em sua contundência. Sua câmera desliza por entre grupos, acompanha rodas de conversa, registra debates acalorados e assembleias lotadas, sem se deter longamente. Nessas tomadas, alguns indivíduos centralizam a palavra, embora o revezamento da fala ocorra nas reuniões maiores. A ausência de verticalização e de uma organização burocrática na condução das ações é elogiada por muitos, enquanto a inoperância e a “traição” do PCF/CGT são denunciadas com frequência.

Embora uma breve cronologia nos situe temporalmente na narrativa, e a inserção de cartelas nos apresente determinadas locações, não há rígidas amarras na condução do filme – a câmera salta de um evento a outro, de uma discussão a outra, os arranjos não são sistemáticos e a contextualização, mínima. Já os registros optam pelo estilo observacional e, apenas raramente, a câmera de Klein parece incomodar – situações em que uma mão tenta interromper a filmagem ou a conduta do cinegrafista é questionada. Klein também nos oferece planos das barricadas, das passeatas e dos confrontos, além de nos descortinar uma espécie de rede solidária a unificar os estudantes, seja na remoção das pedras do calçamento e no bloqueio das vias, seja nos cuidados com a alimentação dos manifestantes e na improvisação de uma creche no interior da Sorbonne ocupada.

A exemplo do filme de Goupil, percebemos no documentário certa euforia nas tomadas iniciais e na maior parte dos discursos proferidos. A revolução parece incontornável e a união entre os estudantes e operários, consolidada. Mas também como *Morrer aos 30 anos*, um olhar crítico tende a se instalar em seu terço final – gradualmente, as dúvidas florescem e o rumo dos eventos se torna incerto. Mais do que celebrar a insurreição de 1968, *Noites longas e manhãs breves* nos revela as dificuldades para se manter o movimento revolucionário ante o seu crescimento e as cisões que despontam – impasse mensurado pela análise crítica de Alain Geismar, um dos líderes do movimento, num programa de rádio inserido quase ao término da obra.

Filmada no ápice dos eventos, a produção só foi lançada em 1978, como se demandasse um distanciamento para encontrar a justa medida na montagem. Opção que converge com a decisão de Goupil cujo trabalho compila imagens e arquivos produzidos nos anos de 1960, mas que só se convertem em obra fílmica no início de 1980, após o suicídio de Michel Recanati. A comparação entre os títulos, porém, também aponta diferenças: Klein, em suas tomadas, prioriza bem mais o circuito universitário, a União Nacional dos Estudantes da França (Unef), a Sorbonne e os arredores do Quartier Latin, além das grandes lideranças – Cohn-Bendit, Geismar e Jacques Sauvageot, do lado dos

insurretos, e De Gaulle e Georges Pompidou, pelas forças políticas tradicionais. Goupil também filma alguns líderes, é fato, mas não o principal triunvirato dos estudantes – estes só despontam rapidamente e como imagens de arquivo; e as locações destacadas por ele são os liceus parisienses, a agitação política dos jovens secundaristas e suas principais redes de articulação – a JCR e os Comitês de Ações dos Liceus (CAL). E tendo em vista o lastro temporal da narrativa e a experiência particular do diretor, o filme de Goupil, a meu ver, nos permite um melhor entendimento do mal-estar que antecede o Maio de 1968 francês (das forças conservadoras cristalizadas *versus* as demandas juvenis) e do desencanto ocasionado pela dissolução dos movimentos de esquerda no início de 1970. Por fim, um último paralelo entre os títulos: embora trabalhe com registros pessoais, a obra de Goupil também se utiliza de arquivos diversos (fotos e trechos filmicos), recurso que o documentário de Klein, amparado no cinema direto, recusa terminantemente, salvo uma possível exceção – a transmissão televisiva de De Gaulle¹⁴, no final do filme, espécie de revanche conservadora, na qual o velho general lança sua ofensiva: se apresenta como portador do interesse nacional, desacreditando o movimento, convocando o apoio popular e exaltando a França.

Afinal, os bons morrem jovens e a desilusão é a sina da maturidade?

Detenhamo-nos agora na obra de Goupil, vencedora dos prêmios *Camera d'Or* (outorgado pelo Festival de Cannes) e *César*, em 1982 e 1983, respectivamente, na categoria de melhor longa-metragem de estreia. Seu filme acolhe diversas interpretações, todas pertinentes e sem hierarquias entre elas. Assim, *Morrer aos 30 anos* pode ser visto como um trabalho de luto; nele ocorre uma homenagem, mas também uma reelaboração das perdas precoces de alguns amigos e dos sonhos juvenis, leitura que se revela contundente se ponderarmos que a obra foi concluída no momento em que o “socialista” François Mitterrand chega ao poder (1981). Lembremos que essa vitória pouco representa para a geração do diretor, uma vez que Mitterrand nunca personificara o projeto político almejado por eles.

Por outro lado, posto que crescer é, em certa medida, se deparar com os impossíveis do mundo e reconhecer que as transformações nem sempre ocorrem em conformidade com nossos desejos, *Morrer aos 30 anos* é também um filme sobre os desencantos advindos com a maturidade – sobre a perda das utopias e as demandas da vida adulta. Na avaliação que fazem sobre os anos de ativismo, no

¹⁴ Dada as falhas técnicas do registro, não tenho certeza se a transmissão é usada como arquivo, de fato, ou se o diretor se limitou a filmar algum monitor que exibia a fala do presidente francês.

bloco final do filme, alguns entrevistados atestam certa desilusão com a política e reconhecem as dificuldades enfrentadas por eles em virtude da militância em tempo integral; por fim, admitem que precisam começar a trabalhar, se enquadrar em alguma atividade. Tal postura pragmática, é preciso não esquecer, decorre dos desdobramentos históricos enfrentados por eles: a ação do PCF é avaliada como traição, a pauta da JCR não é vitoriosa, a opção pelo radicalismo pós-1968 não reverbera socialmente e, com a intensificação da perseguição pelo aparato estatal, muitos estudantes/militantes, a exemplo de Recanati, são presos e/ou exilados, eventos que terão graves implicações em suas vidas futuras. Assim, de modo não conclusivo, digamos que o filme é uma reflexão sobre a geração do diretor e a passagem para a vida adulta, com seus abandonos inevitáveis, mas também uma reavaliação dos anos de luta e de engajamento. Nesse balanço, despontam alguma euforia e entusiasmo, mas a autocrítica não é negligenciada.

Para recuperar esse legado, Romain Goupil está materialmente presente na narração, mas intercala seu *off*¹⁵ com o comentário de outros entrevistados, que lhe ajudam a mensurar os dias de militância e a ebulição do período, bem como a tentar entender a liderança, a excepcionalidade e a fragilidade de Recanati, e o porquê do seu suicídio. São interlocutores que o auxiliam a rememorar a urgência daqueles dias, mas também os sacrifícios e riscos da atividade política. Distante de qualquer idealização suspeita, percebemos nessas conversas que, para além do engajamento e da dedicação, havia ruídos e competições entre os jovens pela liderança das agremiações. Por vezes, Goupil e Recanati se uniam contra um militante que ameaçava a posição de comando da dupla ou que simplesmente flertara com uma antiga paixão. Disputas que não apagam a relevância das ações conduzidas pela JCR e pelos CAL; no limite, conferem maior dramaticidade aos eventos.

Mas se Goupil comparece verbalmente, também se faz presente fisicamente em diversas cenas. Em grande parte delas, como o jovem engajado que filma seus colegas de militância, as ações da JCR e da Liga Comunista Revolucionária¹⁶, destacando sempre a liderança do amigo Recanati. Em outras, como o adolescente criado numa atmosfera cinematográfica (o pai era cinegrafista)

¹⁵ Trata-se de um *off* rememorativo, que oscila entre a crítica e a postura afetiva, saudosa. Sua narração implicada não pode ser confundida com a voz *over* onisciente do formato clássico do documentário.

¹⁶ Desdobramento mais radical da JCR no imediato pós-1968, com ares de milícia e cujas ações oscilavam entre atentados a embaixadas e representantes oficiais, manifestações mais enfáticas e o combate sistemático à extrema direita emergente (*Nova Ordem*, cujas ramificações dariam origem à *Frente Nacional*). Sua dissolução foi determinada em junho de 1973, forçando parte de seus quadros, dentre eles Recanati, a militar clandestinamente.

e que se dedicava regularmente a filmar, com seus amigos de liceu – Coyotte e Bapstiste –, pequenas aventuras com um toque farsesco, algo que parecia emular a liberdade da *Nouvelle Vague*, as perseguições do *Primeiro Cinema* e a motricidade do burlesco, acompanhadas por uma trilha acelerada, quase circense. Parte do trabalho do trio consistia ainda na reencenação de eventos ligados à experiência escolar do diretor e à militância inicial nos liceus, registrando situações de desobediência às autoridades estudantis (o adolescente Goupil, em algumas cenas, não raro se assemelha a Antoine Doinel, alterego e personagem de uma série de filmes de François Truffaut nos anos de 1960, famoso por sua indisciplina e rebeldia, sobretudo em *Os incompreendidos*).

Desse modo, podemos dizer que *Morrer aos 30 anos* é uma obra que retoma imagens feitas há muitos anos, mas que, majoritariamente, não são arquivos públicos. Antes, constituem um acervo pessoal de Goupil e dos seus amigos. Mas ele busca novas legibilidades nessas imagens? Como se aproxima delas? Sobre esse acervo imagético, nem sempre é fácil identificar, apenas pelo visionamento do filme, o que seria material rodado exclusivamente com interesse ficcional por Goupil e seus amigos (espécie de esquetes cinematográficos); o que seria reconstituição dos eventos vividos por ele e da trajetória da JCR (projeto inconcluso e intitulado *Da revolta à revolução*); e o que seria registro documental das atividades militantes nos anos de engajamento (de 1967 a 1972). Algumas tomadas ficcionais, por vezes, aparecem na montagem precisamente onde inexitem registros factuais, como forma de evocar parte daquela memória – não com a pretensão de restituir o passado, mas de nos projetar em certa atmosfera cultural e política. Já quando estamos nos eventos públicos, nos debates, marchas e reuniões, a instância documental prevalece de modo claro.

E onde falta a imagem do cinema, Goupil recorre à fotografia, sobretudo aos registros pessoais de Recanati, mas também de eventos não contemplados por sua câmera. Diante deles, desliza o quadro, promove reenquadramentos, procura fisionomias. Auxiliado pelo *off*, seu trabalho de edição oscila entre diferentes esforços: reconstrói parte da trajetória política da sua geração, do encantamento inicial à militância integral, até culminar em uma espécie de esgotamento e na admissão do fracasso de suas pautas. E tenta igualmente mapear os dilemas da alma de Recanati, jovem que se constituía como promissor líder revolucionário, mas que, nessa entrega demasiada, abdicara dos seus anseios e acumulara frustrações, como atesta a leitura de uma comovente correspondência entre os amigos no

desfecho do filme¹⁷. Nesse exercício, sempre que a imagem revela sua opacidade, a fala dos entrevistados e o *off* de Goupil complementam os sentidos do que vemos, sugerindo novos entendimentos.

Desse modo, ao percorrer um período histórico que vai de 1965 a 1972, prioritariamente, podemos dizer que *Morrer aos 30 anos* nos insere nos debates culturais e políticos destacados na primeira parte deste artigo (o que poderíamos designar de *ambiência pré-1968*), mas também nos desdobramentos que sucedem o maio insurrecto. Assim, de modo explícito ou implícito, despontam no filme: a rigidez e o excesso de disciplina nos liceus – uma pedagogia que reproduz hierarquias e em divergência com as aspirações de seus alunos; a desconfiança perante as autoridades escolares e certa intelectualidade, materializada no questionamento de suas condutas políticas, seja pela falta de um engajamento ostensivo, seja pela indiferença frente a eventos relevantes, como os processos de descolonização e a Guerra do Vietnã; a insatisfação com os partidos de esquerda tradicionais, tidos como defasados e inertes (tal referência aflora de modo debochado na crítica ao tipo de militância/recrutamento promovido pelo PCF¹⁸ e nas discussões que Romain trava com seu pai); a denúncia de um gaullismo decadente, portador de práticas políticas consideradas caducas; as demandas desiguais entre as gerações; o conservadorismo persistente na vida cultural (revistas e propagandas de TV cerceadas por um recato demasiado); e os entraves para viver a sexualidade de modo menos opressivo, o que nos possibilita afirmar que também estava em pauta para a juventude da época uma espécie de reelaboração da vida afetiva.

Todavia, cabe destacar que no gesto rememorativo proposto pelo filme inexistia a pretensão de sugerir uma leitura conclusiva dos eventos, de encerrá-los

¹⁷ Os dramas de Recanati, sua dificuldade em conciliar a agenda de militante exemplar com os desejos latentes da idade, são prenunciados em passagem na qual Goupil tem acesso ao diário do amigo. A leitura do trecho é comovente: “Esta noite encontro-me com Rosette. Amo-a. Tenho medo... Mas assim que é preciso tomar a iniciativa, já não sei. Culpabilizo-me. O meu amor resume-se aos erros que faço ou que não faço... É de mim que se trata, inibição, impotência sexual, sem dúvida, mas por quê? É pouco e é muito. Ou tudo ou recomeçar como antes. Refugiar-me nas reuniões, nos comícios, a virilidade do verbo ou a política impotente. Estou farto. Quero amar... Estou farto de fazer amor com as reuniões”. Tais sentimentos irão aflorar novamente na carta lida ao final do filme. Nela, Michel relata para Goupil que a militância continua lhe levar a abdicar de sua vida pessoal e que, após a passagem pela prisão, queria seguir novos rumos, recomeçar, construir vínculos afetivos estáveis.

¹⁸ No filme, o diretor recordará seus impasses com o PCF empregando uma narração irônica: “É claro que havia o Partido Comunista [como alternativa ao gaullismo para o jovem Goupil e seus pares]. Mas à parte vender cupões e levantar cedo aos domingos de manhã para vender o *Humanité* [jornal da legenda], não se fazia mais nada. E a esse ritmo, a opressão capitalista podia durar ainda muitos anos”. O deboche é reforçado pela banda visual do filme, na qual vemos o adolescente Goupil e seus amigos (num possível esquete ficcional) vendendo jornais e sendo rechaçados pelos vizinhos. O *off* narrativo conclui em tom mordaz: “mas esta estratégia do comunismo de porta em porta aos domingos de manhã levantava-me imensas questões sobre a forma como era gasta a minha sede de justiça social e o meu ideal revolucionário”. Fica evidente aqui o descompasso entre a nova geração e a velha esquerda.

numa só chave interpretativa; e o *off* de Goupil, sempre implicado, contribui para distanciar a obra do didatismo dos títulos convencionais. Por outro lado, dada a complexidade dos arranjos narrativos, podemos dizer que *Morrer aos 30 anos*, na aurora dos anos de 1980, já entrelaça elementos da ficção e do documentário, promovendo certa indiscernibilidade bem antes da popularização dessa prática na contemporaneidade. Em outros termos, o filme é indexado como um documentário, embora desafie classificações definitivas (talvez seja melhor compreendido como um *memoir*). Ainda sobre a antecipação de certas práticas, é igualmente interessante ponderar sua inserção no campo autobiográfico. O filme certamente é sobre Goupil e seu entorno próximo (a subjetividade do cineasta predomina no *off* e sua presença cênica reforça esse protagonismo), mas a obra não se restringe a tal delimitação, propondo também um painel de sua geração, sobretudo dos jovens que militaram nos liceus parisienses. Assim, embora se refira à relação afetiva com Recanati e os dois outros parceiros, e nos projete nos anos de amadurecimento do diretor, a narrativa está longe do exercício confessional autocentrado, pecadilho tão evidente nos títulos em que predomina a primeira pessoa. Tais características, reitero de modo conclusivo, nos permitem destacar que o filme se sobressai não apenas pelo viés memorialista, mas também por suas escolhas estéticas e políticas.

Referências

ARAÚJO, M. P. Disputas em torno da memória de 68 e suas representações. In: ARAÚJO, M. P.; FICO, C. *1968: 40 anos depois: história e memória*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

ARENDDT, H. *Sobre a violência*. 3. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

BIANCHI, A. Jean Pierre Vernant, um helenista nas barricadas. In: *Cult*, Dossiê 1968 – Muito além de Maio, São Paulo, ed. 126, p. 40-43, jul. 2008.

BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO, E. *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CARDOSO, I. 68: a comemoração impossível. In: *Tempo Social*, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 1-12, out. 1998. Disponível em <<https://goo.gl/EYbxjN>>. Acesso em 25 out. 2017.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Maio de 68 não ocorreu. *Revista Trágica*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 119-121, 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/aoRXvp>>. Acesso em: 27 out. 2017.

FRANCE PRESSE. Para Daniel Cohn-Bendit, Maio de 68 foi “conquista da liberdade”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 30 abr. 2008. Disponível em: <<https://goo.gl/6z4p1u>>. Acesso em: 26 out. 2017.

HOBBSBAMW, E. *Era dos extremos: o breve século XX*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JUDT, T. O espectro da revolução. *Piauí*, São Paulo, ed. 8, maio 2007. Disponível em: <<https://goo.gl/EFYSuj>>. Acesso em: 30 out. 2017.

MARREIRO, F. João Moreira Salles: “O apego ao movimento de 1968 é desmesurado e conservador”. *El País Brasil*, São Paulo, 3 abr. 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/jP83Lq>>. Acesso em: 25 out. 2017.

MATOS, O. Tardes de maio. *Tempo Social*, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 13-24, 1998. Disponível em: <<https://goo.gl/wZoWmR>>. Acesso em: 29 out. 2017.

PIACENTINI, E. Para filósofo, rebeliões estudantis dos anos 60 começaram em Berkeley. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 25 maio 2008. Disponível em: <<https://goo.gl/aNEyNX>>. Acesso em: 4 nov. 2017.

PURDY, S. 1968: a rebelião estudantil nos Estados Unidos. *Cult, Dossiê 1968 – Muito além de Maio*, São Paulo, ed. 126, p. 47-50, jul. 2008.

RANCIÈRE, J. Vamos invadir! *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 4 maio 2008. Disponível em: <<https://goo.gl/VqrPpk>>. Acesso em: 30 out. 2017.

ROSS, K. Maio de 68 e suas vidas ulteriores. *Le Monde Diplomatique Brasil*, São Paulo, 7 maio 2008. Disponível em: <<https://goo.gl/bsiQup>>. Acesso em: 1 nov. 2017.

SILVA, F. L. Memória e esperança. *Cult, Dossiê 1968 – Muito além de Maio*, São Paulo, ed. 126, p. 61-65, 2008.

SILVA, J. M. Régis Debray: as tecnologias da crença. *Famecos*, Porto Alegre, v. 5, n. 9, p. 7-14, dez. 1998. Disponível em: <<https://goo.gl/YBHXg4>>. Acesso em: 1 nov. 2017.

Referências audiovisuais

MORRER aos 30 anos. Romain Goupil, França, 1982.

NOITES longas e manhãs breves. William Klein, França, 1978.

submetido em: 26 nov. 2017 | aprovado em: 22 mar. 2018